

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA LUTA ABOLICIONISTA (1883-1888)

Izadora Souza Aguiar, Discente do curso de História, Unespar, Paranavaí
Ricardo Tadeu Caires Silva, orientador, Unespar, Paranavaí, Fundação
Araucária do Paraná

Introdução

A pesquisa tem por objetivo analisar a participação das mulheres na campanha abolicionista, tendo como recorte o período compreendido entre os anos 1883-1888. O intuito é demonstrar que as mulheres contribuíram de forma significativa no movimento social que levou ao término da escravatura no Brasil (MACHADO: 1994). A partir dos trabalhos que procuram enfatizar o protagonismo feminino na História (SCOTT, 1992; PERROT, 2005, 2007; DEL PRIORE, 2004), buscamos evidenciar o envolvimento feminino nas lutas políticas e sociais no Brasil oitocentista.

Materiais e métodos

As principais fontes que embasam o trabalho são os jornais da segunda metade do século XIX. Eram nestes veículos de comunicação que eram repercutidas as principais festividades e demais ações abolicionistas realizadas com o intuito de promover a libertação dos escravizados. Esse material requerer um tratamento especial em sua análise, considerando que a imprensa não é um instrumento neutro na publicação de notícias, haja vista que muitos periódicos se vinculavam a grupos políticos e instituições (LUCA, 2005). Para o presente evento, selecionamos uma matéria publicada no jornal abolicionista *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, de propriedade do abolicionista negro José do Patrocínio (MACHADO, 2014).

A coleta das fontes primárias foi realizada no site da Hemeroteca Digital Brasileira, por meio da busca de palavras-chave.¹ A análise da matéria em foco

¹ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> .

foi feita a partir das orientações metodológicas presentes em estudos sobre a presença da escravidão nos jornais brasileiros do século XIX (SCHWARCZ, 1987) e também na historiografia afeta à temática de gênero (FERREIRA, 1999; MOTT, 1988).

Resultados e Discussão

A fonte histórica selecionada foi extraída do jornal abolicionista *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro. A matéria foi publicada na primeira página da edição de número 16, que circulou num sábado, dia 19 de janeiro de 1884 e tinha por título: *A mulher brasileira era escravocrata?* Seu autor era o também abolicionista João Clapp, que ao lado de José do Patrocínio, Aristides Lobo e André Rebouças fundou a Confederação Abolicionista (ALONSO, 2015). Na introdução do artigo, Clapp informa ao leitor que a reflexão foi feita a partir de uma provocação feita pela redação do periódico, que sabia de seu interesse pelo tema. Respondendo à questão que dá título ao seu texto, o abolicionista afirma firmemente que na sua opinião a maioria das mulheres brasileira é contrária à libertação dos escravizados. Segundo Clapp, “a nossa imprensa tem registrado constantemente um sem número de fatos, que todos nós temos lido com dor; sobre a maléfica influência da mulher brasileira, na instituição negra” (GAZETA DA TARDE, 19 de janeiro de 1884, p.01). Para ele, a culpa de tal postura da das representantes do “sexo amável” era o meio no qual estas foram educadas:

A mulher brasileira nasceu entre os escravos, e foi alimentada com o leite da escrava. O seu berço foi embalado ao som dos cantos pungentes da escravidão! Cresceu e identificou-se com esse monstruoso crime! E hoje julga a escravidão um direito legítimo. Foi sobre a mulher brasileira que esse maldito mal, mais se inveterou; devido ao contágio mais direto e a falta de instrução (GAZETA DA TARDE, 19 de janeiro de 1884, p.01).

Como se pode notar, o abolicionista atribui à forte convivência da mulher no meio escravista como o fator determinante para a naturalização da escravidão por parte destas. O fato de no século XIX a escravidão encontra-se amplamente disseminada no tecido social brasileiro fazia como uma ampla parte das famílias se valia do trabalho escravo no serviço doméstico (DIAS, 1984). Além disso,

Clapp afirma que as mulheres brasileiras não recebiam a devida instrução para ter ciência dos males que aquela instituição causava para a sociedade.

Mas, apesar de criticar a posição da maioria das mulheres brasileiras no que concerne à escravidão, João Clapp admite haver honrosas exceções. Segundo suas palavras:

Há neste meio deletério um pequeno grupo de brasileiras abolicionistas que acompanha e coadjuva francamente, a nossa propaganda, a despeito do motejo e da crítica das que são contrárias. Essas heroínas que com a sua presença e com o seu esforço, animam as nossas festas e correm ao lugar do perigo para salvar a pátria da vergonha que a acabrunha; representam uma bela aurora sucedendo-se a uma noite negra. (GAZETA DA TARDE, 19 de janeiro de 1884, p.01).

Segundo Clapp, esse pequeno grupo de mulheres abolicionistas resiste às críticas daqueles contrários à liberdade e se arriscam ao participar da campanha abolicionista. Ele afirma que entre as ações que contavam com a presença feminina destacavam-se as festas abolicionistas – eventos nos quais eram angariados recursos para a concessão de alforrias (ALONSO, 2017; SILVA, 2018).

Por fim, Clapp defende que esse pequeno grupo de mulheres abolicionistas pode se tornar uma verdadeira legião, caso algumas medidas sejam tomadas. Dentre eles, o abolicionista destaca o valor da instrução:

A instrução da mulher e a prática de princípios de boa moral e de virtude, nos darão com certeza o impulso de que carecemos, nem só para a abolição dos escravizados, como para a resolução de outros problemas importantes e urgentes. Tire-se a mulher brasileira a senzala e do poder do jesuíta para coloca-la no vasto templo de luz e de progresso que se chama escola (GAZETA DA TARDE, 19 de janeiro de 1884, p.01).

Numa posição claramente anticlerical, João Clapp defendia a instrução escolar como meio para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Para ele, se a maioria das mulheres frequentasse as escolas o apoio feminino à abolição cresceria; o que também era válido para outras importantes questões sociais. Aliás, cabe frisar que Clapp foi um dos pioneiros na defesa da educação dos ex-escravizados. Foi dele a iniciativa da criação, em 1880, do Club dos Libertos de Niterói – entidade que promovia a educação gratuita de libertos.

Considerações finais

A análise da fonte histórica selecionada repercutiu a posição do abolicionista João Clapp acerca da participação da mulher brasileira na campanha abolicionista em meados da década de 1880. De início, Clapp é enfático ao afirmar que a maioria das mulheres brasileiras eram favoráveis à escravidão. Ele atribuía essa postura ao fato destas viverem num ambiente onde a escravidão estava impregnada no tecido social – o que as fazia naturalizar as relações escravistas. Contudo, o abolicionista também reconhece que uma pequena, mas corajosa, parcela das mulheres se engajaram na luta contra a escravidão; contribuindo assim na campanha abolicionista. Para João Clapp, esse número podia facilmente aumentar caso as mulheres recebessem instrução por meio da escola, pois ali eram ensinadas doutrinas que promoviam o progresso da sociedade.

Referências

- ALONSO, Angela. A teatralização da política: a propaganda abolicionista. São Paulo: **Revista Tempo Social**, USP, v.24, n.2, novembro 2012.
- ALONSO, A. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves et al. **Suaves Amazonas: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste**. Recife: Editora da UFPE, 1999.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MACHADO, Humberto Fernandes. **Palavras e brados: José do Patrocínio e a imprensa abolicionista do Rio de Janeiro**. Niterói: Eduff, 2014.

MACHADO, Maria Helena P. Toledo. **O Plano e o Pânico: os movimentos sociais na década da abolição**. São Paulo: Edusp, 1994.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres, ou, os silêncios da história**. Edusc, 2005.

SILVA, Eduardo. Resistência negra: teatro e abolição da escravatura no Brasil.

IHGB, Rio de Janeiro, v.476, jan./abr. 2018.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.